

O CAMPO DA GEOGRAFIA PSICOLÓGICA: ABORDAGENS E DIÁLOGOS BIBLIOGRÁFICOS

Alexandro Francisco Camargo¹

RESUMO

Neste artigo opera-se uma revisão bibliográfica com foco na emergência do campo da Geografia Psicológica, nos séculos XIX e XX. A partir de um apanhado de obras que abordaram a descrição dos hábitos corporais, materiais, sociais, morais e psíquicos que caracterizam o comportamento de um grupo em um determinado ambiente, destacamos os principais conceitos e debates. Descrevem-se desde tradições clássicas greco-romanas, passando pelo Iluminismo europeu, pelos principais autores do Oitocentos, e finalmente destacamos as publicações contemporâneas do século XX. Enfatizamos particularmente as décadas de 1960, 1970 e 1980, tendo como base pesquisas pioneiras de geógrafos que se inspiraram nos trabalhos de muitas correntes da psicologia para entender a relação subjetiva, cognitiva e emocional dos indivíduos com seu ambiente. Destaca-se o francês Georges Hardy que em 1939 lança o livro *La Géographie Psychologique*. Hardy desenvolve a noção de paisagem psicológica na qual os hábitos descritos se materializam no espaço físico, num tipo de habitat. Ao abordar também outros autores, destacamos que a Geografia e a Psicologia já trabalham de forma colaborativa em diversas frentes, e apontamos objetos e possibilidades de pesquisa. O texto pretende problematizar a própria ênfase que a Geografia contemporânea dá para uma abordagem puramente objetiva; destaca-se a necessidade de olhar para amplos aspectos subjetivos, questões muito caras para os autores que são abordados.

Palavras-chave: Geografia Psicológica; Epistemologia; Bibliografia.

The Field of Psychological Geography: Approaches and Bibliographic Dialogues

ABSTRACT

This paper is a literature review focused on the emergence of the field of Psychological Geography in the 19th and 20th centuries. Based on a collection of studies about the description of bodily, material, social, moral and psychic habits that characterize the behavior of a group in a given environment, we highlight the main concepts and debates. We describe from classical Greco-Roman traditions, through the European Enlightenment, the main authors of the 19th century, and finally we focus on the contemporary publications of the 20th century. We turn particularly to the 1960s, 1970s, and 1980s, based on pioneering research by geographers who were inspired by the work of many currents of psychology to understand the subjective, cognitive, and emotional relationship of individuals with their environment. The Frenchman Georges Hardy, who in 1939 launched the book *La Géographie Psychologique*, stands out. Hardy develops the notion of psychological landscape in which the habits described materialize in the physical space, in a type of habitat. By also addressing other authors, we highlight that Geography and Psychology already work collaboratively in several areas, and we point out research objects and possibilities. The text intends to discuss the very emphasis that contemporary Geography gives to a purely objective approach; we highlight the need to look at broad subjective aspects, issues that are very dear to the authors that are addressed.

Keywords: Psychological Geography; Epistemology; Bibliography.

¹ Universidade Federal do Amapá. Email: alexandro@unifap.br

Introdução

Já é conhecido o debate posterior à publicação da obra *La Géographie Psychologique* (1939), de autoria do geógrafo francês Georges Hardy (1884-1972), onde ele se propõe lançar, dentre outras coisas, os pressupostos do campo da Geografia Psicológica. As mais duras críticas vieram do também francês Albert Demageon (1872-1940), que nas páginas do *Annales de Géographie* de 1940, aprecia criticamente o trabalho de Hardy, principalmente pelo que ele considera como uma tentativa de se colocar como o descobridor de um “novo” campo em si.² Em outubro de 1939, antes mesmo da publicação da resenha de Demageon, o *Boletim Paulista de Geografia* publicou, com a assinatura do geógrafo André Gibert (1893-1985), uma outra apreciação do trabalho em questão, atestando mesmo se tratar de “um livro extremamente vivo”, e encerra se perguntando se o Brasil “pela diversidade de seus tipos étnicos e sociais” não se constituiria “um dos campos mais indicados para trabalhos fecundos do tipo daqueles que G. Hardy sugere?” (GILBERT, 1939, p.113)

Iniciamos este artigo referenciando esse debate justamente por ter se tratado de uma questão que girava em torno da própria necessidade de definir do que trataria a Geografia psicológica, quais seriam seus objetos e as dimensões de um campo até então sem “fundador/a”. Nessa direção, a relação entre a Geografia e a Psicologia, entendidas aqui como campos independentes e consolidados de pesquisa acadêmica, mas também em diálogo com áreas amplas do conhecimento, vem de longa data (se considerarmos aspectos e eventos paradigmáticos da história do conhecimento). Pretende-se com este trabalho problematizar a própria ênfase que a Geografia contemporânea dá para uma abordagem objetiva, e a necessidade de dar destaque a aspectos subjetivos, questões muito caras para os autores que são abordados.

O objetivo central é fazer um apanhado histórico e bibliográfico das principais contribuições dadas à definição da Geografia psicológica como campo, desde a Antiguidade, até G. Hardy e seus coetâneos. É dado maior espaço para publicações e propostas dos séculos XIX e XX, período onde tanto a geografia quanto a psicologia estavam se consolidando como ciência no mundo ocidental. A metodologia aplicada foi de revisão bibliográfica, que incluiu levantamento, seleção, análise e organização da narrativa.³ Para isso, este artigo está dividido em três partes. Na primeira fazemos um apanhado das tradições greco-romanas até a emergência do chamado Iluminismo europeu; a seguir apresentamos e detalhamos os principais autores e seus trabalhos no Oitocentos, e finalmente destacamos a publicação de *La Géographie Psychologique* de G.Hardy (1939) e as obras contemporâneas posteriores.

² Para esse debate ver J. Aldhuy (2002). O autor não considera que as críticas de Demageon tenham sido polêmicas, principalmente pela ausência de resposta de Hardy.

³ Para um debate sobre a revisão bibliográfica como uma metodologia de pesquisa, ver Fuster-Guillén e Ocaña-Fernández (2021).

Antecedentes: de Heródoto ao Iluminismo

Podemos apontar o “nascimento” da Geografia psicológica ou suas primeiras impressões no que se convencionou chamar “Antiguidade” (Hardy, 1939; Andrade, 1987).

A tradição historiográfica atribui a Heródoto, geógrafo e historiador grego (485 a.C - 425 a.C.) o início do delineamento dos estudos abrangendo Geografia e Psicologia, ao esboçar um método de análise, quando fez observações sobre os efeitos psicológicos de diferentes ambientes nas pessoas e descrições dos povos árabes, egípcios, persas, entre outros. Heródoto argumentou que os egípcios tinham uma percepção do espaço diferente da dos gregos, devido às diferentes formas em que suas culturas eram organizadas e ao papel da mente na percepção e representação do espaço, em especial sobre o impacto psicológico do ambiente físico sobre as ações e comportamentos das pessoas que nele vivem. Os primeiros passos da Geografia Psicológica eram restritos a investigações no sentido de compreender povos e comunidades numa perspectiva antropológica, dando ênfase às questões morais associadas aos elementos ambientais.

Tucídides, historiador da Grécia antiga (460 a.C - 400 a.C.), a partir da observação e análise de alguns grupos humanos localizados, expôs a estrutura psicológica dos mesmos através do discurso de seus personagens históricos. Igualmente como Heródoto, Tucídides argumentou que os espartanos tinham um conceito de espaço diferente dos atenienses por causa de suas diferentes táticas militares, baseado nos efeitos psicológicos de diferentes ambientes geográficos. Ele argumentou que o ambiente físico pode relacionar-se com o desenvolvimento de uma sociedade, influenciando o comportamento de pessoas e estados de ânimo, quando observou que o povo do Peloponeso era mais propenso à violência do que o povo de Atenas.

Demóstenes (384 a.C - 322 a.C.), seu discípulo, deu continuidade aos estudos sobre o impacto do ambiente físico na psicologia humana, com foco na *polis*. Seu trabalho foi influente para moldar a percepção do mundo entre os gregos.

O historiador romano Tácito (56 d.C - + 117 d.C.) buscava entender as manifestações psicológicas de um determinado povo desde a origem das mais diversas ações – materiais, como alimentação, habitação, vestuário, e morais/sociais, como educação, religião, organização familiar, instituições políticas, etc. (Hardy, 1939). Tácito escreveu um tratado sobre as diferenças no caráter das tribos germânicas, com base em parte em sua localização.

Após Tácito, os estudos envolvendo Geografia e Psicologia não foram significativos, e por um bom tempo ficaram abandonados. Entre os séculos X e XVI alguns geógrafos, historiadores e viajantes acumularam informações sobre as populações do mundo conhecido, realizando descrições dos hábitos e de suas organizações. Os relatos de viagem vão se multiplicar representando a fronteira

da ciência, o contato com realidades psicológicas e o sentido da diversidade humana retratado, por exemplo, por nomes como Plan Carpin, Rubruquis, Marco Pólo e Odoric de Porderone. Destaca-se também o polímata berbere Ibn Khaldun (1332-1406), que entre muitas questões estudou a influência do clima na sociedade (LEME, 2019).

Durante o período renascentista, o filósofo e ensaísta francês Michel de Montaigne (1533-1592) deu impulso à descrição de detalhes dos hábitos, opiniões e pensamentos de alguns povos do passado e do seu presente. Ele propôs que o clima poderia desempenhar um papel no desenvolvimento do caráter humano.

No percurso de Montaigne a Immanuel Kant (1724-1804), passando pela referência de René Descartes (1596-1650), o sujeito e a subjetividade são pensados num constante e multifacetado questionamento do mundo e de si próprio, numa dinâmica espaço-temporal que flutua entre o antigo e o supostamente novo, entre o particular e o universal (ISRAEL, 2009).

Geografia Psicológica e Ciência

No século XIX, quando da consolidação gradual da Geografia como ciência, os processos psicológicos eram abordados dentro do grande paradigma da relação entre a natureza e a sociedade nas escolas de pensamento determinista e possibilista (ANDRADE, 1987). Para o geógrafo alemão Carl Ritter (1799-1859) o meio natural condicionava o desenvolvimento da personalidade dos povos, ou seja, as diferentes localizações geográficas poderiam levar a diferentes modos de pensar e viver. Do mesmo modo, seu colega Friedrich Ratzel (1844-1904) mencionou que a natureza exerce influência sobre a psicologia individual e, posteriormente, sobre a coletiva.

O geógrafo francês Jean Brunhes destacou o fator psicológico nas conexões entre os fenômenos naturais e a atividade humana – como as percepções das pessoas sobre o mundo ao seu redor influenciavam seu comportamento – no segundo volume de *La Géographie Humaine* (1910). Num dos capítulos, apresenta a ideia de que o enviesamento psicológico permite ao geógrafo chegar às correlações entre os fatos e expor a variabilidade dessas conexões. Por exemplo: considerando que as condições físicas não explicam por si só as organizações humanas e que meios idênticos podem ter organizações espaciais diferentes, a explicação para essa diferença encontra-se nas disposições psicológicas dos habitantes, que se interpõem ao meio e à transformação dele pela atividade humana. Brunhes afirma “que a psicologia das multidões, a psicologia das massas, às vezes será a única que nos revelará o segredo de uma excepcional produtividade da terra” (Brunhes & Vallaux, 1921, p. 71).

Na relação que estabelece entre Geografia e Psicologia, Brunhes (1910) evita o funcionalismo estreito, pondo em evidência os processos de ação e reação que são indissolivelmente mescladas e, ao mesmo tempo, decorrentes e causadoras de fatos geográficos e psicológicos.

Assim ele expressa a necessidade de várias disciplinas recorrerem à Psicologia como chave de interpretação dos comportamentos individuais e coletivos. Brunhes impulsiona assim uma Psicologia da Geografia, que busca explicar as organizações humanas relacionando-as às “necessidades do homem, seus apetites espontâneos ou refletidos e, como estes elementos psicológicos são muito variáveis, fazem forçosamente oscilar a própria relação entre a terra e o homem” (BRUNHES, 1956, p. 436).

Em 1911 o médico e psicólogo alemão Willy Hellpach lança o livro intitulado Fenômenos Geopsíquicos, e em sua 4ª edição altera o título para Geopsique. Hellpach é conhecido por fundar um novo ramo da geografia humana, daquilo que podemos chamar de geopsíquico ou estudo das relações entre o homem e o meio ambiente, do ponto de vista da psicologia humana (VIVÓ, 1941). Hellpach divide o ambiente em três círculos: ambiente natural ou “fatores geopsicológicos”; ambiente comunitário ou de “fatores psicossociais”; e o “mundo construído” – que mais adiante ele chamará de “tecnopsicologia”. Ele acredita que cada um desses fatores exerce dois tipos de influência sobre a mente humana: “[...] influence through the meanings of impressions (that is, immediate experience), and influence causing psychological changes in the body, which, in turn, generate experiences” (POL, 2006, p. 97).⁴

Na década de 30, o psicólogo Kurt Lewin desenvolve a Teoria de Campo, originalmente um conjunto de ideias surgidas na Física, apropriadas pela psicologia na medida que se verificou que o comportamento e a vida psíquica são influenciados por um campo de forças na interação entre a pessoa e seu ambiente físico e social. A Teoria de Campo de Lewin é uma consequência da Teoria da Gestalt, onde se entende que são as forças do ambiente que levam indivíduos diferentes a reagirem de forma diferente ao mesmo tipo de estímulo. A influência dessas forças sobre o indivíduo dependeria das próprias necessidades, atitudes, sentimentos e expectativas do mesmo. Nesse campo ou espaço de convivência estão a representação do mundo, objetivos pessoais, medos, experiências passadas e aspectos físicos e sociais do ambiente. Isso significa que no espaço de vida existe não apenas um ambiente físico, mas também um ambiente psicológico, que consiste em um espaço subjetivo construído pela pessoa a partir de sua interação com ele. A teoria do campo psicológico aponta que as variações individuais do comportamento humano com relação à norma

⁴ “(...) influência por meio dos significados das impressões (ou seja, experiência imediata), e influência que provoca mudanças psicológicas no corpo, que, por sua vez, geram experiências” (POL, 2006, p. 97, tradução nossa).

são condicionadas pela tensão entre as percepções que o indivíduo tem de si mesmo e pelo ambiente no qual está inserido, chamado 'espaço vital' (KARIEL, 1956; LEWIN, 1965).

O espaço vital é equivalente ao meio geográfico somado ao meio comportamental. É onde o comportamento ocorre, incluindo tudo o que é necessário à compreensão do comportamento concreto de um ser humano individual em um dado meio psicológico e em determinado tempo. É o próprio conceito de campo que nos conduz a uma totalidade na qual se unem os conceitos de meio geográfico e meio comportamental num único campo, o psicofísico, que é o lócus do comportamento.

Ele contém a totalidade de todos os fatos possíveis, capazes de determinar o comportamento de um ser humano individual em um determinado ambiente psicológico em um determinado momento. O comportamento é uma função do espaço da vida. (LEWIN, 1965, p. 57).

Da mesma forma, de acordo com Lowenthal (1961) e Pred (1967), os geógrafos humanos defenderam a utilização dessa teoria, enfatizando a singularidade do meio ambiente individual na avaliação do ambiente.

A principal contribuição de Kurt Lewin foi postular que o indivíduo e o entorno nunca devem ser vistos como duas realidades separadas. Na prática, são duas instâncias que sempre estão interagindo entre si, que se modificam mutuamente e que, para compreender o comportamento humano, devemos considerar todas as variáveis que podem estar incidindo no espaço vital. Isto inclui dizer, desde o grau de iluminação de um lugar, até os padrões de socialização que existem em um grupo. O autor entende o ambiente carregado de significados sociais, influenciando o indivíduo ou grupos, e o comportamento destes influenciando o ambiente (ANTUNES; BERNARDO & PALMA-OLIVEIRA, 2011).

Georges Hardy e a crítica contemporânea

Em 1939, o geógrafo francês Georges Hardy lança a obra "La Géographie Psychologique" que, pela primeira vez, organiza historicamente e teoricamente as relações entre Geografia e Psicologia, nomeando-a Geografia Psicológica. Através de um longo levantamento histórico, desde a Antiguidade até seus dias, revela as variações espaciais dos traços psicológicos encontrados numa gama de situações culturais. A descrição dos hábitos é o tema principal de sua pesquisa em Geografia Psicológica, na qual o pesquisador leva em consideração: os hábitos corporais (movimentos do corpo, gesto, modo de se vestir, olhar e falar); os hábitos materiais (alimentação, transporte, vestimenta, habitação, higiene, trabalho); os hábitos sociais (Estado, família, vida social); os hábitos morais (religiosidade,

vida moral); os hábitos psíquicos (linguagem, hábitos intelectuais, afetivos). Trata-se de um estudo da distribuição geográfica da diversidade psicológica.

Hardy propõe um método de trabalho que permite apreender fatos da psicologia coletiva, onde a Geografia é colocada a serviço da Psicologia, entendida como uma ciência da análise da materialidade concreta dos fatos.

Hardy (1939) aponta como sendo as unidades de investigação os domínios étnicos, os territórios nacionais, as regiões, as cidades, as aglomerações de caráter econômico, social ou religioso e as unidades naturais. Mas ainda podem ser trabalhadas outras categorias de análise, em que as unidades de investigação acima expostas teriam uma inversão de ordem. Não teriam mais como ponto de partida a Geografia, mas a Psicologia; em vez de indagar sobre os hábitos gerais de um agrupamento localizado, eles se comprometeriam a estudar a extensão geográfica do fenômeno. A isso o autor chama de 'área psicológica', dando como exemplo a influência da vestimenta europeia no norte da África.

O geógrafo francês desenvolve a noção de paisagem psicológica na qual os hábitos descritos se materializam no espaço físico, num tipo de habitat. Essa paisagem é percebida de múltiplas maneiras: pela visão, olfato e audição. Portanto é por meio da pesquisa de campo e dos métodos iconográficos (mapa, desenho, fotografia, cinema) que aquela paisagem pode ser percebida. A pesquisa de campo, na qual o autor chama de 'testemunha viva', deve permitir consultar o que os homens de um dado grupo dizem de si mesmos, os julgamentos que fazem sobre si e seus próprios semelhantes (OZOUF-MARIGNIER, 2006).

Para Hardy, a Geografia Psicológica pode apoiar suas pesquisas em estudos comparativos. Para tanto o autor cita a utilização da estatística, em que os índices de hábitos materiais, sociais, morais, intelectuais ou estéticos devem ser susceptíveis de serem precisos por números e gráficos. (1939, p. 136)

A obra de Hardy (*op.cit.*), como comentamos na introdução, teve repercussão no Brasil através do comentário de André Gibert realizado na Revista Brasileira de Geografia de 1939, no qual apontava que o país poderia ser um campo fértil de experimentações na perspectiva da Geografia Psicológica:

Será, por ventura, necessário acrescentar aqui que o Brasil, pela diversidade de seus tipos étnicos e sociais, pela possibilidade que oferece de seguir, com uma suficiente precisão, a fixação, a adaptação e as transformações de populações diferentes, em épocas que se conservam acessíveis à nossa observação, constituem um dos campos mais indicados para fecundos trabalhos do tipo que G. Hardy sugere? (GILBERT, 1939, p. 113)

A abordagem pelo ângulo da Psicologia teve importância central aos olhos do geógrafo francês Pierre Monbeig (2006). Nos seus estudos procurou mostrar o papel desempenhado pela

constituição de uma memória e de uma mitologia bandeirante na formação da identidade paulista e, mais amplamente, brasileira, na medida em que ela determina as lógicas dos atores. Segundo o autor, o fator psicológico vem somar-se às condições naturais e às condições históricas para explicar a marcha pioneira na tese que defendeu em 1951, depois publicada com o título *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo* (1957).

Monbeig afirma que os processos mentais devem ser objeto de pesquisa na Geografia, na medida que estes constituem-se propulsores das formas de ocupação do espaço: “demonstrar o mecanismo que une [as estruturas econômicas e as superestruturas mentais] e buscar como esse mecanismo tem origens e consequências geográficas” (MONBEIG, 1953, p. 50). Ele também faz referência à noção de gênero de vida e remete às proposições de Max Sorre, André Cholley e Georges Friedmann, que “exprimem a mesma necessidade de não subestimar os fatores psicológicos” (MONBEIG, 1953, p. 59).

Em 1952, o geógrafo francês Eric Dardel lança seu livro: *L’Homme et la terre: nature de la réalité géographique* (DARDEL, 1952). Naquele momento a referida obra não chamou atenção, porém, décadas mais tarde, seria tomada como fundamental e primeira de uma Geografia Humanista, ao abordar o espaço com influências psicológicas e filosóficas. Influenciou geógrafos como Yi-Fu Tuan e Edward Relph, que começaram a diversificar as fontes de perspectiva geográfica, ampliando o entendimento da condição humana sobre a Terra, pois estavam descontentes com a abordagem economicista na condução das ações humanas e de sua relação espacial (MARANDOLA; GRATÃO, 2003).

O geógrafo francês Max Sorre propôs examinar as correlações entre o meio (natural e social) e as funções mentais do indivíduo e do grupo no livro *Géographie psychologique* de 1954. Sobre o meio social ele faz referência aos elos de ação e reação que unem os modos de vida e as representações coletivas; e sobre o meio natural, procura identificar os mecanismos psicológicos segundo os quais os homens se adaptam a ele:

As espantosas vitórias dos homens na luta contra o espaço, desde a invenção da locomotiva e do navio a vapor, e mais recentemente o triunfo da aviação, tiveram consequências psicológicas às quais não se dá muita atenção – sobretudo quando a isso se acrescentam os progressos das telecomunicações. Em primeiro lugar, as categorias fundamentais do nosso pensamento – o espaço e o tempo – foram subvertidas. Nossos filhos não fazem mais da distância a imagem que nós fazíamos. Esta parece ser uma das mais incríveis revoluções psicológicas desde a origem da humanidade, pois toca nas próprias bases de nosso pensamento (SORRE, 1984, p. 82).

Max Sorre deseja em seguida evocar uma outra conduta, que consiste em atribuir a fatores do meio as diferenças porventura identificadas no nível ou nas características do psiquismo coletivo.

Um último problema, mais complexo que todos os demais, diz respeito à influência do meio geográfico sobre o nível mental. Todos os levantamentos um pouco mais extensos revelaram diferenças que parecem sistemáticas entre as regiões (SORRE, 1984, p. 81).

John K. Wright foi um geógrafo estadunidense visionário que destacou o valor da subjetividade, imaginação e o senso geográfico do homem comum no artigo “*Terrae Incognitae: the place of imagination in geography*” (1947). Desenvolveu o conceito de Geosofia, que aborda o conhecimento geográfico a partir dos pontos de vista, e “as concepções geograficamente subjetivas do mundo, que existem na mente de inúmeras pessoas comuns.” Wright Também trabalhou com mapas mentais e percepção (1947, p.10).

David Lowenthal (1961a), geógrafo estadunidense, tinha a preocupação em buscar na Psicologia explicações para a relação homem/ambiente e compreender os mecanismos mentais que dão origem a mundos diversos. Suas pesquisas em percepção ambiental e imaginação “se baseavam na consulta a fontes diversificadas da psicologia, que passava pela psicanálise, pela Gestalt, pela psicologia do desenvolvimento de Piaget, e pela psicologia baseada na fenomenologia e no existencialismo” (HOLZER, 2016, p. 126). Na busca por desvendar o funcionamento da percepção humana, contribuiu para o surgimento da geografia comportamental, na medida que:

As visões pessoais, então, são únicas por vários motivos: porque cada pessoa tem seu meio ambiente pessoal; porque, por sua vez, cada um seleciona seu meio e reage a seus estímulos de maneira diferente [...] a pessoa estrutura o mundo a partir de sua vivência pessoal, e sua linguagem se ajusta às visões pessoais que tem do mundo (HOLZER, 2016, p. 60).

Os geógrafos comportamentais começaram a partir da década de 1960 a afirmar que as complexidades e a aparente singularidade das atividades humanas na Terra eram o produto de uma interação entre indivíduos e seus ambientes. Os indivíduos avaliam seus ambientes a partir de um determinado estado de atitudes, crenças, percepções e preferências; eles formulam seus objetivos e, em seguida, escolhem agir para realizá-los da melhor maneira possível, considerando o conjunto único de oportunidades e restrições em seu ambiente (RUSHTON, 1979).

A abordagem comportamental surgiu como uma tentativa de abordar problemas de comportamento e interação espacial, incorporando modelos mais detalhados e realistas da psicologia humana, possuindo quatro características: a) sua principal unidade de análise é a pessoa-indivíduo; b) a atividade comportamental é baseada no mundo como percebido ou concebido; c) as inter-relações do indivíduo e do meio ambiente são bidirecionais – um afeta o outro. O ambiente é concebido amplamente, é ao mesmo tempo físico e sociocultural; e d) é multidisciplinar e

interdisciplinar, ou seja, interage com várias e entre disciplinas, o que pode resultar em uma nova disciplina, tendo seus conceitos e métodos próprios (MONTELLO, 2018).

A partir da década de 70, com as preocupações ambientais atreladas à poluição e sustentabilidade, surgiram estudos sobre as percepções e representações ambientais e o modo como as mesmas condicionam o comportamento de diferentes grupos frente ao uso de recursos e infraestruturas. (MELO, 1991) Nesse sentido, analisavam as percepções sobre a qualidade ambiental (WHITE, 1977), as atitudes, preocupações e comportamentos ambientais (KAISER, WÖLFING & FUHRER, 1999) e procuravam entender a natureza da percepção de risco ambiental (SLOVIC, 2000).

Nessa onda, surgiram pesquisas sobre a influência da organização espacial dos hospitais que considerassem o comportamentos de doentes mentais e a recuperação dos pacientes (PROSHANSKY; ITTELSON; RIVLIN, 1970) e outros diversos estudos, entre os quais: os desenraizamentos causados pelos realojamento impostos (RELPH, 1976); as representações mentais que as pessoas possuem das cidades ou áreas geográficas (LYNCH, 1960; GOLLEDGE, 1987); o impacto do fator humano sobre a paisagem (SAUER, 1925; WRIGHT, 1947); e sobre a relação entre as funções sociais e a organização espacial em escolas, igrejas e outros (BARKER e WRIGHT, 1955). Nesse momento começa a se delinear dois campos possíveis de trabalhos em que a subjetividade é abordada de forma diferente na Geografia. Uma que continua nos estudos de influência comportamental-positivista, a chamada Geografia Comportamental, e a outra a Geografia Humanista de base fenomenológica (Dardel, Wright, Lowenthal, Relph, Tuan, entre outros), que busca alternativas às abordagens positivistas normativas, economicamente racionais e lógicas usadas para atividades no espaço.

Relph (1976; 1979) dedicou-se de forma mais detida às linhas delineadas pela Geografia Fenomenológica de Dardel. O autor no seu livro de 1976 “Place and Placelessness”, descreve o lugar, o lar e as raízes como necessidades humanas fundamentais pautadas na ligação espiritual e psicológica.

[...] ter raízes em um lugar é ter um ponto seguro de onde olhar para o mundo, uma compreensão firme de si mesmo posição na ordem das coisas, e um apego espiritual e psicológico significativo a algum lugar em particular (RELPH, 1976, p.38).

Yi-Fu Tuan (1980) buscou junto à Psicologia e à Fenomenologia referencial para orientar sua construção teórica. Em Topofilia (1980), o geógrafo sino-estadunidense está interessado no modo como as pessoas percebem, estruturam e avaliam o ambiente físico e humanizado, dando grande importância à questão do aprendizado e aquisição de experiência, tendo como base a Psicologia da Aprendizagem de Jean Piaget (1896-1980).

Todos os elementos que recolhemos dos textos de Tuan se enquadram à visão organísmica⁵, ao estruturalismo⁶ e à visão dos teóricos da aprendizagem (empiristas). A ênfase do autor é para a aprendizagem como modo de estruturar o mundo, de tal forma que mesmo quando recorre à teoria da Gestalt para analisar as relações homem/ambiente (TUAN, 1980) são feitas as devidas restrições ao seu emprego (HOLZER, 2016, p. 135).

No Brasil, a geógrafa Livia de Oliveira descobre em Piaget uma nova abordagem na forma de ensino e compreensão do espaço, em uma leitura cognitiva e afetiva do mesmo. O ponto chave da contribuição de Livia para o ensino de geografia é sua tese de livre docência, “Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa” (1978) no qual ela lança importante abordagem cognitiva na ciência geográfica (MARANDOLA e GRATÃO, 2003).

No contexto da Geografia Crítica, o geógrafo brasileiro Milton Santos (1997), em seu livro intitulado *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, deixa claro que é necessário pensar o conceito de espaço do ponto de vista dos psicólogos ambientais, como Abraham Moles e Élizabeth Rohmer (1978). Santos apresenta dois conceitos importantes para trabalhar com processos psicogeográficos: tecnosfera e psicofera. A tecnosfera é "o meio técnico-científico-informacional, que requalifica os espaços para atender aos interesses hegemônicos" (SANTOS, 1997, p. 191) e a psicofera, "o reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de sentido" (Ibid., p. 204), que sustenta a tecnosfera. Tem-se aqui a ideia de pares dialéticos: a tecnosfera produz os insumos materiais para que a psicofera os transforme em conteúdo da mente e a sustente.

Considerações finais

Neste artigo, a partir de uma revisão da literatura com ênfase nos principais autores que abordaram a Geografia psicológica, pretendeu-se fazer um apanhado problematizado dos trabalhos e autores centrais desse campo da Geografia.

Também destacamos os principais pontos de contato da Geografia e da Psicologia. Esses possuem como pressuposto a ideia de que o espaço e o ambiente são atores sociais (PELUSO, 2003) ou seja, eles não são neutros, mas atuam sobre as sociedades e os sujeitos que os produziram, construíram e organizaram, como resposta às ações das sociedades e dos sujeitos:

Ambas, Geografia e Psicologia, se ocupam de pesquisar o homem em sua relação com o meio, privilegiando a primeira uma perspectiva espaço-temporal em sua análise, enquanto a segunda procura compreender a psique humana e a partir desta, como o sujeito interage com o meio. Assim, tanto uma quanto outra, se ocupam das manifestações intersubjetivas

⁵ “(...) vê os indivíduos como organismos que, por suas próprias ações, põe em movimento o seu próprio desenvolvimento; eles iniciam ações. As mudanças são vistas como inerentes à vida, sendo avaliadas de forma qualitativa, já que é um processo interno e não externo.” (HOLZER, 2016, p. 131)

⁶ “Os psicólogos devem estudar o conteúdo da consciência pelo método da introspecção” (MARX; HILLIX, 1974, p. 97).

de uma dada sociedade, mantendo suas respectivas especificidades (TORRES, 2009, p. 58-59).

Atualmente, já se reconhece que ambas as áreas – Geografia e Psicologia – já trabalham de forma colaborativa nas seguintes frentes: percepção, identidade de lugar, entitividade, personalidade, representações, imagens, dimensão simbólica, resiliência, cognição de risco, escolha e tomada de decisão espacial, pensamento e comportamento espacial, ou seja, os processos psíquicos de instauração de sentido da realidade.

Para além desses, sugerimos outras temas de pesquisa, como a educação personalizada (Inteligência Artificial versus comunitária), *Emotions Cities*, Influências do Neoliberalismo no psiquismo, sociedade pós-pandêmica, neurociências e cibernética, o impacto das Fake News, os Geotraumas, dentre outros.

Portanto o contexto das tendências da Geografia mostra que, diante das novas demandas interdisciplinares e das abordagens culturais e humanistas, é necessário aprofundar o conhecimento das relações interdisciplinares, entendendo seus limites e potencialidades. Adiciona-se a isso a necessidade de uma maior abertura da Geografia a objetos de pesquisa preocupados com relações subjetivas, fato destacado em muitos dos trabalhos dos autores abordados no texto.

Referências

- ANDRADE, M.C. *Geografia Ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987. 143p
- ANTUNES, D., BERNARDO, F., PALMA-OLIVEIRA, J. Psicologia do Ambiente In: LOPES, M.; PALMA, P., RIBEIRO, R., CUNHA, M. (Coords.). *Psicologia Aplicada*. Lisboa: RH editora, 2011. p. 189-222.
- BARKER, R., WRIGHT, H. *Midwest and Its children: the Psychological Ecology of an American Town*. New York: Harper & Row, 1955. 532p
- BASÍLIO, R. *Possessing Amazonia: Global Disputes over the Amazon Basins and the Guiana Highlands (c.1840-c.1900)* 2023. Tese (Doutorado em Globalização), FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2023
- BRUNHES, J. *La Géographie Humaine*, Paris: Félix Alcan, 1910. 393p
- BRUNHES, J., VALLAUX, C. *La Géographie de L'histoire: Géographie de la paix e de la guerre sur terre et sur mer*. Paris: Félix Alcan, 1921. 715p
- DARDEL, E. *L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: PUF, 1952. 200p
- GILBERT, A. La Géographie Psychologique. *Revista Brasileira de Geografia*. Sessão Comentários, Ano I, n. 4 p. 110-113, Out. 1939.

- GOLLEDGE, R. Environmental Cognition. In: STOKOLS, D., ALTMAN, I. (Eds) *Handbook of Environmental Psychology*. New York: John Wiley & Son, 1987. p. 131-174,
- HARDY, G. *La Géographie Psychologique*. Paris: Gallimard, 1939. 188p
- HELLPACH, W. *Geopsique: O homem, o tempo, o clima, o solo e a paisagem*. São Paulo: Edições Paulinas, 1967. 340p
- HOLZER, W. *A geografia humanista - sua trajetória de 1950 a 1990*. Londrina: Eduel, 2016. 392p
- KAISER, F.; WÖLFING, S.; FUHRER, U. Environmental attitude and ecological behavior. *Journal of Environmental Psychology*, v. 19, n. 1 p. 1-19, set. 1999.
- KARIEL, H. Democracy unlimited: Kurt Lewin's Field Theory. *American Journal of Sociology*, v. 62, n.3 p. 280-289. 1956
- LEWIN, K. *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira, 1965. 387p
- LOWENTHAL, D. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. *Annals of the Association of American Geographers* v.51, n.3 p. 241-260, set. 1961.
- LYNCH, K. *The image of city*. Cambridge: The MIT Press. 1960. 194p
- MARANDOLA, E.; GRATÃO, L. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. *Revista de Geografia (Londrina)*, v. 12, n. 2 p. 5-20, 2010.
- MARX, M; HILLIX, W. *Sistemas e Teorias em Psicologia*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1976. 755p
- MELO, R. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. *Psicol.* São Paulo: USP, v. 2, n. 1-2 p. 85-103, 1991.
- MONBEIG, P. Os modos de pensar na Geografia Humana. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 15 p. 46-51, out. 1953.
- MONTELLO, D. *Handbook of Behavioral and Cognitive Geography*. Northampton, USA: Edward Elgar Publishing. 2018. 432p
- OZOUF-MARIGNIER, M. Um domínio contestado: a geografia psicológica no tempo de Pierre Monbeig In: SALGUEIRO, H. (org). *Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira*. A dinâmica da transformação, Bauru: Edusc, 2006. p. 57-85
- PELUSO, M. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, n. 2, p. 321-327. 2003.
- POL, E. Blueprints for a History of Environmental Psychology (I): From First Birth to American Transition. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, v.7, n. 2, p. 95-113. 2006.
- PRED, A. *Behaviour and location: Foundations for a Geographic and Dynamic Location Theory* Lund. London: Royal University of London, 1967. 280p

- PROSHANSKY, H., Ittelson, W., Rivlin, L. *Environmental Psychology: Man and his physical setting*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1970. p. 173-182
- RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v.4, n.7, abr. 1979. p.1-25.
- RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976. 156p
- RUSHTON, G. On Behavioral and Perception Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 69, n. 3, p. 463-464, 1979.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 259p
- SAUER, C. The morfphology of landscape. University of California. *Publications in Geography*, v.2, p. 19-54. 1925.
- SLOVIC, P. *The perception of risk*. Londres: Earthscan, 2000. 511p
- SORRE, M. A adaptação ao meio climático e biossocial: geografia psicológica. In: MEGALE, Januário (org.). *Max Sorre: geografia*. São Paulo: Ática, 1984. p. 29-86.
- TORRES, R. B. A Geografia e a Psicologia: aproximações através do uso da associação livre para o estudo das Representações Sociais. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 34, p. 57-76, 2009.
- TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980a. 288p
- VIVÓ, J. Geopsique: el alma humana bajo el influjo de tiempo y clima, suelo y paisaje by Willy Hellpach. *Revista Geográfica*, vol. 1, n. 2-3, p. 253-257, 1941.
- WHITE, A. *Guidelines for field studies in environmental perception*. MAB technical note 5. Paris: UNESCO, 1977. 119p
- WRIGHT, J. Terrae Incognitae: The place of imagination in geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37, p. 1-15, 1947.